

A escrita de si: história e memória em Diários de Motocicleta

Christiane Silveira Batista³²

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Paulo Custódio de Oliveira³³

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Recebido em: 20/02/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

A escrita de si é composta por toda gama de narrativas da memória, incluindo o diário íntimo, que neste estudo é compreendido segundo as definições de alguns autores como Maurice Blanchot (2005). O diário se constitui como um documento que pode abordar desde aspectos políticos, sociais e históricos, até os relatos de viagem. Ou ainda ser uma mescla de tudo isso, como ocorre em *Diários de Motocicleta* (2005) - obra que é uma das edições do primeiro diário escrito por Ernesto Guevara de la Serna quando ainda não havia se tornado o “Che”. Nesse documento o autor-narrador revela não apenas o itinerário de sua primeira grande viagem, mas também faz considerações acerca do que viu, sentiu e viveu. Seu texto expõe situações que ficaram registradas em suas anotações e em sua memória – já que a obra foi revisada e narrativizada por ele cerca de um ano após o término da viagem – e se configura como uma tentativa do autor de conhecer a si próprio e a seus conterrâneos latino-americanos por meio da escrita. Já o leitor é um convidado a desfrutar de um passeio pela América Latina e a refletir sobre o que lê.

Palavras-chave

Diários de Motocicleta. Escrita de si. Diário íntimo.

³² Mestranda em Letras, na área de Literatura e Práticas Culturais, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Língua Espanhola pela Faculdade Internacional Signorelli e integrante do Grupo de Estudo InterArtes/UFGD.

³³ Doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Adjunto II da UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenador do Grupo de Estudo InterArtes/UFGD.

Introdução

“Esse vagar sem rumo por nossa “Maiúscula América” me mudou mais do que imaginei”
(Ernesto Che Guevara, tradução nossa).

Página |
123

Registrar o que acontece na vida cotidiana em diários íntimos tem sido uma prática universal. Esses relatos pessoais revelam experiências individuais e coletivas que, quando são passadas de documentos privados a públicos, podem indicar aos leitores alguns aspectos históricos e sociais vistos por meio de outros “olhos”: os da subjetividade.

Os diários, que ao longo dos anos vêm sendo considerados como arquivos pela história, auxiliam na (re)configuração do passado, pois são compostos por “uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios” (COMPAGNON, 2012, p. 219). Ao resgatá-los e/ou publicá-los, há uma (re)construção da identidade de certa comunidade, tendo em vista que ela é constituída por muitas versões da história, é mutável, inconstante e formada de acordo com as “estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2005, p. 51). Ou seja, nunca está finalizada.

Além de auxiliar na formação identitária de um grupo social e de ser uma peça do quebra-cabeça na construção dessa história, o diário é também um importante instrumento de conhecimento das angústias e expectativas de um povo em um dado momento. Isso porque essa escrita revela uma percepção do autor-narrador sobre seu entorno, que “corresponde às estruturas profundas de uma visão de mundo, a uma consciência de si e a uma consciência do mundo através dessa consciência de si” (COMPAGNON, 2012, p. 65).

Utilizando-se desse tipo de narrativa, “Che” Guevara escreveu, ao longo de sua vida, diversos aspectos de sua rotina, de suas viagens e de seus ideais. Entretanto, apenas uma delas contempla um lado um tanto quanto desconhecido dessa figura emblemática: o do homem antes de ser um guerrilheiro, antes de ser um mito, antes de ser o “Che”. Quem o escreve é “apenas” Ernesto Guevara de la Serna.

O diário em questão é sobre sua primeira grande viagem, realizada entre 1951 e 1952, junto a seu amigo Alberto Granado, quando percorreram cinco países da América Latina. Eles se locomoveram, inicialmente, de moto e, depois de abandoná-la por problemas mecânicos, a pé ou de carona, segundo as possibilidades que lhes eram acessíveis.

Durante a viagem, Ernesto Guevara registrou o que viu e viveu por meio de anotações, que foram revisadas e narrativizadas cerca de um ano após o término da viagem,

sob o título provisório de *Mi primer gran viaje*. Esse material só obteve sua primeira publicação em 1994 e manteve o título proposto inicialmente por ele.

Já em 2005, a mesma obra é publicada com novo título: *Diarios de Motocicleta*. Nessa última edição, podem ser notadas algumas outras diferenças editoriais, como capa, fotos, prefácio, posfácio, comentários e introdução, completando, assim, as alterações efetuadas em relação à primeira edição. A modificação desses recursos configura-se em uma estratégia para captar novos leitores, já que “a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, portanto, cria novos públicos e novos usos” (CHARTIER, 2002, p. 76).

Essa versão de 2005, ainda não traduzida para a língua portuguesa, é o cerne da presente reflexão, pois, mediante os excertos do livro, busca-se verificar algumas características históricas e sociais do período, a partir do olhar crítico e questionador do autor. Pretende-se ainda elucidar os recursos utilizados para indicar ao leitor como deve ser feita a leitura do texto, assim como apresentar o próprio conceito de diário íntimo.

O que é um diário?

De acordo com o *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés (2004, p. 121), um diário narra “desde os episódios políticos até a pura introspecção, passando pelo registro crítico dos cenários e das peripécias que as viagens propiciam, ou pelos embates da vida literária”. É, portanto, um gênero híbrido: pode ser um discurso puramente histórico ou não conter nada de história, bem como ser um texto puramente literário. Ou melhor, o diário poder conter tudo: fatos históricos, política, autobiografia, ficção, cartas, fotos.

Sendo assim, na escritura de um diário não há regras: são permitidas as digressões, os devaneios, as reflexões e até os espaços em branco. Pode-se escrever sobre tudo o que quiser, na (des)sequência que convier. No entanto, uma única regra parece ser a essencial: a noção de tempo. Como afirma Blanchot (2005),

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. (BLANCHOT, 2005, p. 270)

Logo, ainda que livre para conter uma diversidade de documentos e de fatos, ele deve ser escrito e organizado em ordem cronológica dos dias, sendo essa uma de suas

principais características. Essa cronologia é essencial porque representa os acontecimentos e pensamentos segundo sua ocorrência.

Acerca do diário, um dos pontos amplamente discutidos é se ele é uma autobiografia. De acordo com Philippe Lejeune (2008), há distinções entre a autobiografia e seus gêneros limítrofes: o diário, as confissões e as memórias. Para ele, o diário não cumpre todos os requisitos necessários para ser uma autobiografia, pois falha quanto à “perspectiva retrospectiva de narração”³⁴ (LEJEUNE, 2008, p. 48).

Walter Benjamin também esclarece que nem tudo que uma pessoa escreve sobre si é uma autobiografia, ao afirmar que “recordações, mesmo quando são ampliadas, não representam sempre uma autobiografia [...], pois a autobiografia tem a ver com o tempo, com o desenrolar e com aquilo que constitui o fluxo da vida” (BENJAMIN *apud* SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 405).

A hipótese de que o diário não é uma autobiografia em muitos casos é refutada, já que alguns deles contêm uma escrita no pretérito, como ocorre em *Diários de Motocicleta* (2005), que, apesar de contemplar todos os elementos necessários para ser uma autobiografia, segundo os critérios de Lejeune (2008), para este estudo será utilizado no conceito de escrita de si – constituída por documentos como cartas, bilhetes, anotações e outros arquivos pessoais.

A escrita de si se caracteriza por ser uma narrativa em primeira pessoa em que o autor é o narrador e cujas experiências, reais ou ficcionais, são relatadas como sendo uma representação de si e da realidade. Sendo, portanto, bem mais ampla que a autobiografia, por abarcar todo tipo de narrativa da memória.

Outro aspecto relevante da escrita de si é quanto à motivação de um indivíduo para registrar sua vida ou, pelo menos, uma parte dela. Isso conduz a um questionamento sobre as razões do ato de escrever sobre si próprio. Afinal, por que se escreve um diário? Para Blanchot (2005), essa escrita se deve, entre outros fatores, à

ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida toda um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim, a esperança de, unindo a insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e a arte informe à verdade única da vida [...]. (BLANCHOT, 2005, p. 274)

Ou seja, um diário é escrito como forma de revelar algo além do que pode ser percebido na superficialidade. É um despir-se por meio da escrita, uma tentativa de ver em um suporte material um período de tempo vivido, narrando nele não só eventos de forma objetiva,

³⁴ Perspectiva retrospectiva de narração: narrativa escrita sobre fatos que ocorreram no passado.

mas, principalmente, de forma subjetiva, (res)significando a própria existência. Em suma, é uma tentativa de entender sua própria identidade.

Adentrando o diário

Dadas as especificidades do diário e sua relevância na contribuição da história e da identidade de um povo, assim como na reconfiguração da própria imagem de seu autor, muitas são as considerações que podem ser feitas a partir de sua leitura. Não pretendendo esgotá-las, apenas algumas delas serão estabelecidas aqui, a título de exemplificação, a partir de alguns trechos do livro. Ressalta-se, ainda, que o paratexto³⁵ não será incluído nesse “adentrar” do diário, pois demandaria um estudo específico. Outro ponto que exclui deste estudo o paratexto é o fato de ele ser constituído de escolhas editoriais e não do próprio autor, já que “os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 2002, p. 71).

Depois de realizadas as observações pertinentes, inicia-se a seleção de excertos do livro, a começar pelo primeiro capítulo “Entendamo-nos”³⁶. Nele há a explicitação das “regras do jogo” (ECO, 1994, p. 16): o autor deixa bem claro aos seus leitores como devem jogar, ou seja, ler. Uma dessas regras é aceitar que a obra se trata do relato de um momento bem peculiar de sua vida, em que esteve em um determinado roteiro:

Este não é o relato de façanhas impressionantes, não é também meramente um “relato um tanto cínico”; pelo menos não pretende sê-lo. É um pedaço de duas vidas tomadas em um momento que cursaram juntas um determinado trecho, com identidade de aspirações e conjunção de sonhos³⁷ (GUEVARA, 2005, p. 51, tradução nossa).

Nesse primeiro parágrafo, já se evidencia o caráter sonhador do autor-narrador e de seu companheiro de viagem. Depreende-se também que não haverá em suas páginas aventuras notáveis, conferindo, de certa maneira, um tom mais realista ao que será narrado. Embora “o que vivemos, interpretamos ou reconhecemos como nossa realidade, uma vez escrito, torna-se ficção – no seu mais alto grau de semelhança – ou seja, uma representação da vida” (FONSECA, 2005, p. 87).

³⁵ O conceito de paratexto, cunhado por Gérard Genette em 1987, é definido como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” e compreende elementos editoriais como a capa, o prefácio, o posfácio, comentários, fotos, entre outros.

³⁶ “Entendámonos”.

³⁷ “No es este el relato de hazañas impresionantes, no es tampoco meramente un “relato un poco cínico”; no quiere serlo, por lo menos. Es un trozo de dos vidas tomadas en un momento en que cursaron juntas un determinado trecho, con identidad de aspiraciones y conjunción de ensueños”.

No próximo parágrafo é reiterada a confirmação de uma narrativa verídica, quando ele afirma que “o homem, medida de todas as coisas, fala aqui por minha boca e relata na minha linguagem o que os *meus olhos viram*”³⁸ (GUEVARA, 2005, p. 51, tradução nossa, grifo nosso). Nessa sentença, ele pretende deixar claro que é um relato baseado em experiências reais.

Já a partir do próximo trecho, começa-se a notar a qualidade subjetiva e interpretativa do texto, pois ele alega que “minha boca narra o que aos *meus olhos foram contados*”³⁹ (GUEVARA, 2005, p. 51, tradução nossa, grifo nosso). Aqui se observa claramente a oposição: meus olhos viram x aos meus olhos foram contados. Essa singela alteração modifica o tom realista dado no início e agora ele admite que os fatos sejam contados por meio de certa perspectiva: a do seu olhar.

Essa sentença aparece como uma introdução às seguintes, indicando que uma ou outra informação pode não ser comprovada, já que “o relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram” (JUNQUEIRA, 2011, p. 49). Porém, o autor destaca que a verdade apresentada por ele é a que importa, remetendo o leitor à suspensão voluntária da descrença⁴⁰, necessária ao se aventurar pelo mundo literário.

Se eu apresento um noturno, creiam-no ou reinventem-no, pouco importa, pois se não conhecem pessoalmente a paisagem fotografada pelas minhas notas, dificilmente conhecerão outra verdade que não a que conto aqui. Os deixo agora comigo mesmo; o que fui...⁴¹ (GUEVARA, 2005, p. 51, tradução nossa)

Nesse fragmento, percebe-se ainda o fato de ele se dirigir diretamente ao leitor, solicitando que acredite no que é contado, sendo essa a regra mais importante desse jogo que é a leitura. Essa interpelação ao leitor não é uma especificidade do gênero diário, mas aqui é utilizada devido às memórias terem sido narrativizadas após o término da viagem, e indicam que, apesar da obra ter tido sua primeira publicação somente cerca de quarenta anos depois de sua escrita, havia a intenção de um dia torná-la pública e de que fosse lida, confirmando que “todo relato pressupõe um leitor” (JUNQUEIRA, 2011, p. 48).

³⁸ “*El hombre, medida de todas las cosas, habla aquí por mi boca y relata en mi lenguaje lo que mis ojos vieron*”.

³⁹ “*mi boca narra lo que mis ojos le contaron*”.

⁴⁰ Termo cunhado por [Samuel Taylor Coleridge](#) (1817) e refere-se ao pacto que o leitor faz ao aceitar não questionar a veracidade dos fatos quando está diante de uma obra.

⁴¹ “*Si presento un nocturno créanlo o revienten, poco importa, que si no conocen personalmente el paisaje fotografiado por mis notas, difícilmente conocerán otra verdad que la que les cuento aquí. Los dejo ahora conmigo mismo; el que fui...*”.

Umberto Eco é um dos críticos literários que também corrobora que toda história tem um leitor e que ele é um componente essencial não só do processo de contar, mas também da própria história (ECO, 1994, p. 7). Sendo assim, esse diário requer um leitor que aceite jogar conforme as regras, o que implica acreditar no que se relata, independentemente de sua comprovação e também não atribuir a responsabilidade do que é relatado ao autor-narrador, porque “não há sujeito sobre quem exercer o peso da lei. O personagem que escreveu estas notas morreu ao pisar de novo a terra argentina, o que as organiza e dá a elas polimento, “eu”, não sou eu; pelo menos não sou o mesmo eu interior”⁴² (GUEVARA, 2005, p. 52, tradução nossa).

Definidas as regras, o leitor, consciente do pacto de leitura que acaba de aceitar, inicia seu passeio, a bordo de uma moto e com a companhia de um jovem cheio de expectativas e anseios. Nessa viagem de motocicleta, o leitor pode conhecer um pouco mais de “Che” e de sua história, assim como um pouco da história da América Latina.

A história nas memórias

O diário, como arquivo das memórias do jovem Ernesto, contém em seus capítulos várias referências históricas, geográficas, sociais e culturais dos lugares em que ele esteve. Sua escrita revela seu olhar crítico e reflexivo diante do que viu, manifestando sua presença no texto não somente por narrar em primeira pessoa, mas sim por introduzir sua opinião de maneira implícita ou explícita.

No trecho “Como cidade, Lima não cumpre o que promete sua longa tradição de cidade dos vice-reis, mas em contrapartida seus bairros residenciais são muito bonitos e amplos e suas novas ruas também são amplas”⁴³ (GUEVARA, 2005, p. 215, tradução nossa), o autor registra suas impressões sobre a cidade de Lima, no Peru. Ele ainda comenta que esperava algo mais da tradicional cidade que abrigou o vice-reino da Espanha, ao declarar que “Lima não cumpre o que promete sua longa tradição de cidade dos vice-reis” (GUEVARA, 2005, p. 215).

Ernesto demonstra também um conhecimento profundo sobre a história latino-americana, fornecendo diversas informações, como pode ser notado em “[...] a catedral foi construída sobre as ruínas de um grande palácio e, sobre os muros do Templo do Sol,

⁴² “No hay sujeto sobre quien ejercer el peso de la ley. El personaje que escribió estas notas murió al pisar de nuevo tierra Argentina, el que las ordena y pule, “yo”, no soy yo; por lo menos no soy el mismo yo interior”.

⁴³ “Como ciudad, Lima no cumple lo que promete su larga tradición de ciudad de los virreyes, pero en cambio sus barrios residenciales son muy bonitos y amplios y sus nuevas calles también amplias”.

levantaram a igreja de Santo Domingo – *castigo e desafio do conquistador orgulhoso*”⁴⁴ (*Ibidem*, p. 153, tradução nossa, grifo nosso).

De acordo com o exemplo anterior, além dos dados históricos sobre a construção da igreja de Santo Domingo, em Cusco, no Peru, o narrador se posiciona política e ideologicamente quando insere que foi um desafio para o conquistador espanhol, adjetivado por ele de orgulhoso, já que essa obra levou cerca de cem anos para ser finalizada. O autor também afirma que essa construção foi um castigo, pois fica implícito que ele sabe do terremoto de 1950, que a destruiu e expôs o Templo do Sol que estava sob a catedral.

Outro dos aspectos abordados na obra é a miséria que a maioria dos habitantes da América do Sul enfrentava. Aquela realidade o chocava, pois como um estudante de medicina vindo de uma família de classe média de Buenos Aires, Ernesto não estava acostumado a encarar tão de perto as mazelas humanas. Há que se ressaltar que, naquela época, a Argentina era tida como o país mais rico e desenvolvido da região, considerada a “Suíça” da América Latina.

Essa desigualdade social é mostrada, por exemplo, quando ele se encontra com trabalhadores indígenas de uma mina boliviana: “[...] um índio se aproximou todo tímido até nós, acompanhado de seu filho, que falava bem o castelhano e começou a nos fazer perguntas da maravilhosa terra ‘do Perón’”⁴⁵ (GUEVARA, 2005, p. 139, tradução nossa). Nesse trecho, nota-se como a Argentina é vista com superioridade com relação aos demais países. O indígena se interessa por ela, pois habita e trabalha em um lugar em que o máximo que consegue é sobreviver.

O fato é que o autor não só percebe o sofrimento e as dificuldades que as pessoas passavam nos países por onde esteve, mas, como diferencial, ele sentia a dor delas, demonstrando empatia. Isso se reflete na sua escrita: ela é poética, crítica, reflexiva, subjetiva.

Ali, nestes últimos momentos de gente cujo horizonte mais longínquo foi sempre o dia de amanhã, é onde se capta a profunda tragédia que compreende a vida do proletariado do mundo todo; há nesses olhos moribundos um pedido submisso de desculpas e também, às vezes, um pedido desesperado de consolo que se perde no vazio, como se perderá logo seu corpo na magnitude do mistério que nos rodeia⁴⁶ (GUEVARA, 2005, p. 104).

⁴⁴ “[...] la catedral se erigió sobre los restos de un gran palacio y sobre los muros del templo del Sol se levantaron los de la iglesia de Santo Domingo, escarmiento y reto del conquistador orgulloso”.

⁴⁵ “[...] un indio se acercó todo tímido hasta nosotros, acompañado de su hijo, que hablaba bien el castellano y empezó a hacernos preguntas de la maravillosa tierra “del Perón”.

⁴⁶ “Allí, en estos últimos momentos de gente cuyo horizonte más lejano fue siempre el día de mañana, es donde se capta la profunda tragedia que encierra la vida del proletariado de todo el mundo; hay en esos ojos moribundos un sumiso pedido de disculpas y también, muchas veces, un desesperado pedido de consuelo que se pierde en el vacío, como se perderá pronto su cuerpo en la magnitud del misterio que nos rodea”.

A reflexão proporcionada por esse trecho indica que o jovem que o escreve não é um mero estudante de medicina interessado apenas em tratar da saúde de alguém. Ele vai muito além: preocupa-se com a vida laboral e social dessa gente. Sofre por elas. Mostra que seu espírito é de caráter sonhador, mas, também, questionador.

O próximo fragmento exemplifica não só um pouco das memórias presentes nesse diário, mas também a forma que o autor utiliza para se fazer presente em seu texto. Ele fornece uma amostra de como a história permeia toda a narrativa ao percorrer territórios demarcados geograficamente, mas que, segundo ele, não deveriam ter fronteiras, pois

[...] cremos, depois dessa viagem mais firmemente que antes, que a divisão da América em nacionalidades incertas e ilusórias é completamente fictícia. Constituímos uma só raça mestiça, que desde o México até o Estreito de Magalhães apresenta notáveis similaridades etnográficas.⁴⁷ (GUEVARA, 2005, p. 196)

Esse é um recorte do discurso que Ernesto proferiu no dia de seu 24º aniversário. A viagem já se aproxima do fim e, com isso, é possível perceber um jovem mais maduro e ainda mais consciente da situação histórica e social do meio que o circunda. Seus ideais já se manifestam em sua fala, que é mais política do que festiva, e faz com que suas ideias sejam lembradas por meio de suas memórias.

Considerações finais

Ao ler *Diarios de Motocicleta* (2005), observa-se que, na maioria do texto, há uma narração descritiva minuciosa dos lugares por onde o autor esteve. É possível imaginá-los e até recriá-los de acordo com sua escrita, sendo essa uma de suas intenções. Outra delas é relatar o que lhe ocorreu nesses ambientes, sempre trazendo à tona elementos políticos, sociais e históricos, como uma maneira de contextualização e explicação para o que estava narrando.

A partir de sua subjetividade, o diário apresentado ao leitor é uma narrativa de memórias sobre uma viagem pela América Latina, sua gente, sua história, sua cultura. O autor, ao deixar registrado o que viveu, mostra suas próprias angústias e incertezas, mas também as ansiedades, as dores ou e/ou as aflições de um grupo social.

Esse lembrar presente no diário é de suma importância, pois é “uma experiência social, coletiva, já que as lembranças também se fazem pelos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Essas memórias, então, não pertencem somente ao autor, mas a toda uma comunidade,

⁴⁷ “[...] creemos, después de este viaje más firmemente que antes, que la división de América en nacionalidades inciertas e ilusorias es completamente ficticia. Constituímos una sola raza mestiza que desde México hasta el estrecho de Magallanes presenta notables similitudes etnográficas”.

e sua publicação auxilia no entendimento das características culturais do lugar que o autor chamou de “Maiúscula América”.

Ainda de acordo com Maurice Halbwachs (1990), “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (1990, p. 26). Isso reforça a ideia de que essa obra narra algo que pode não ter comprovação por outras narrativas, mas que, ainda assim, é parte relevante da formação de uma memória coletiva.

Uma pergunta feita ao longo deste estudo foi sobre as razões que levam uma pessoa a escrever um diário. Os motivos podem ser inúmeros, conforme já explicitado anteriormente com o auxílio de Blanchot (2005). Mas, ainda de acordo com esse estudioso, o diário também é escrito porque “cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer”. (BLANCHOT, 2005, p. 273)

Dessa forma, a escrita é uma ação realizada em prol de tudo o que foi visto e sentido. Uma alternativa para que não se percam os episódios da vida com o passar dos dias e sua constante avalanche de informações, tão características do mundo moderno. É um escrever motivado pelo medo do esquecimento: esquecimento das memórias, da identidade, da própria história.

Por fim, constata-se que esse diário é escrito para não se esquecer de algo, de alguém, de si próprio. Porém, como pôde ser visto ao longo do texto, essas notas sempre almejavam um leitor, o que leva a crer que, mais do que não esquecer o seu passado e suas memórias, o jovem Ernesto Guevara de la Serna pode ter escrito para não ser esquecido.

Referências:

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: _____. **O livro por vir**. Trad. de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 270-278.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietações. Trad. de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECO, Humberto. Entrando no bosque. In: _____. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994. p. 7-31.

FONSECA, Aleilton. Escrever: (Des)encontros da ficção com a biografia/ Écrivivre: les rencontres (im)possibles entre la fiction et la biographie. In: BEDASSE, Raimunda. (org.). **A (auto)Biografia/ L'(Auto)Biographie**. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana; Tours: Université François Rabelais, 2005.

GUEVARA, Ernesto Che. **Diários de Motocicleta**. Notas de un viaje por América Latina. 3. ed. Buenos Aires: Planeta, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Trad. e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A escritura da memória. In: _____. (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 387-413.

LA ESCRITURA DE SÍ MISMO: HISTORIA Y MEMORIA EN DIARIOS DE MOTOCICLETA

Resumen

La escritura de sí mismo se compone de toda gama de narrativas de la memoria, incluyendo el diario íntimo, que en este estudio es comprendido según las definiciones de algunos autores como Maurice Blanchot (2005). El diario se constituye como un documento que puede abordar desde aspectos políticos, sociales e históricos, hasta relatos de viaje. O aun ser una mezcla de todo eso, como ocurre en *Diarios de Motocicleta* (2005) - obra es una de las ediciones del primer diario escrito por Ernesto Guevara de la Serna cuando no se había convertido en el “Che”. En ese documento el autor narrador revela no solamente el itinerario de su primer gran viaje sino que hace consideraciones acerca de lo que vio, sintió y vivió. Su texto expone situaciones que fueron registradas en sus notas y en su memoria – ya que la obra fue revisada y narrativizada por él alrededor de un año después del término del viaje – y se constituye como, una tentativa del autor de conocer a sí propio y a sus conterráneos latinoamericanos por medio de la escrita. Ya el lector es un invitado a disfrutar de un paseo por Latinoamérica y a reflexionar sobre lo que lee.

Palabras clave

Diarios de Motocicleta. Escritura de sí mismo. Diario íntimo.